

Resumo: A presente reflexão considera a experiência de ensino em diversos cursos de graduação junto a turmas de disciplinas de antropologia e sociologia em duas instituições, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE). O fio condutor da experiência é a proposta de intensificar ou despertar, simultaneamente, senso de autoria e de comunidade entre discentes. Insistindo que ensinar ciências sociais é também fazê-la, foram adotadas estratégias de ensino e de escrita para que, na medida em que eram respeitadas as ementas das disciplinas, com o aprofundamento dos contextos históricos de formação da antropologia e da sociologia, o desdobramento de suas principais abordagens teóricas e a reflexão epistemológica e prática dessas ciências, a turma participante fosse convidada a se colocar diante e dentro do que estava sendo ensinado. Nesse engajamento, elaborei em diálogo com Pedro Demo, Carlos Brandão, Wright Mills, Howard Becker, bell hooks e Conceição Evaristo, uma metodologia de ensino e avaliação denominada de “caderno de artesanato intelectual”. O uso do “caderno de artesanato intelectual” pela comunidade discente esteve atrelado ao letramento sensível e crítico necessário para se mobilizar a imaginação sociológica e a experiência antropológica. Primeiro, foi desenvolvida uma abordagem de ensino e avaliação contínua, fazendo com que a turma registrasse e organizasse a sua reflexão dentro de três eixos: a) anotações de sala de aula, b) esboços e reflexões teóricas a partir da bibliografia da disciplina, c) exercícios de observação cotidiana. Partindo do “caderno de artesanato intelectual”, a escrita foi experimentada e materializada no desenvolvimento de textos de gênero parcialmente “híbridos”, tais como a crônica sociológica e antropológica e os ensaios etnográficos. Propor uma boa relação entre literatura e ciências sociais possibilitou com que a comunidade discente se aproximasse de uma maneira mais encantada e engajada com o modo de pensar e fazer ciências sociais, considerando a crônica enquanto gênero focado na brevidade, lirismo e reflexão cotidiana, ao mesmo tempo em que o ensaio etnográfico carregou a conexão entre teoria e prática. Diante disso, a presente reflexão apresenta esse percurso de ensino e escrita, elencando alguns dos desafios enfrentados, tais como a difícil relação entre Inteligência Artificial e o Artesanato Intelectual, a dificuldade de relacionar o contexto social e cultural discente com as bibliografias obrigatórias clássicas e a necessidade de se compreender leitura e escrita de mundo enquanto atividades fragilizadas na conjuntura neoliberal que atinge a educação.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia; Escrita Antropológica; Artesanato Intelectual.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Doutor em Antropologia Social (UFRGS). Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: hermesociais@gmail.com.

As experimentações com o ensino e a escrita de ciências sociais que apresentarei se ancoram na ideia de que ensinar é fazer, e que se aprende participando do processo. Por isso a tentativa de transformar a experiência da sala de aula em um tipo de ateliê, que carrega mesmo o sentido de tentativa, seleção de materiais, incursões técnicas e incentivo da criatividade. Nossos artefatos são materializações da cosmologia antropológica, o que implica no manuseio de conceitos caros ao pensamento antropológico e a sua prática, tais como a desconstrução do etnocentrismo e o combate ao racismo, o exercício da observação participante e o reconhecimento da diferença enquanto fato e valor. Essa antropologia praticada é constituinte das ciências sociais, o que faz com que essas experimentações dialogam com a imaginação sociológica, o artesanato intelectual e aspectos da sociologia que valoriza a pesquisa de campo, a comparação e o descentramento de noções naturalizadas enquanto recurso das ciências sociais fundamentais para a antropologia.

Essas articulações partem de experiências docentes distintas, englobando as experiências de ter sido professor substituto do curso de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), professor substituto no bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professor formador da Licenciatura Intercultural Indígena no Instituto Federal do Piauí (IFPI), campus de Uruçuí. São, portanto, atividades desenvolvidas em cursos de graduação que embora estejam relacionadas com algumas atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE, no qual atuo como professor visitante, remetem a projetos e metodologias de ensino desenvolvidas em experiências anteriores. Basicamente as experimentações que se fundamentam no “caderno de artesanato intelectual” foram ensaiadas em disciplinas de antropologia e sociologia nos cursos de Ciências Sociais, além de disciplinas correlatas, ou similares de ciências sociais ofertadas para diversos cursos, tais como o Serviço Social, História e Geografia. As práticas de escrita e ensino, portanto, consideraram os contextos de cada disciplina, curso e configuração das turmas.

Inspirado no professor e cientista social Pedro Demo, conduzi a ação docente também como um processo de construção autoral complexo, que interrelaciona perspectivas próprias com contextos coletivos mais amplos, o que implica na construção de comunidades. Nesse aspecto, apostei na interrelação de autorias, pois “se quisermos aluno autor, antes é preciso inventar docente autor” (Demo, 2010, p. 868).

Essa provocação faz parte da lógica que germina a educação enquanto pesquisa. Sem negar a importância da aula e todas as possibilidades que ela contém, a “relação discente – docente autora” tenta se livrar dos inconvenientes da “educação como transmissão” e busca incrementar a pluralização de perspectivas, adensando a imaginação antropológica e sociológica, no nosso caso, desde a graduação. Sempre compreendendo que estudar as formas de pensamento nas ciências sociais, aprender sobre a diversidade de método e se aprofundar na base epistemológica do nosso campo é também fazê-lo.

Essa abordagem quer fazer da educação correspondência (Ingold, 2020), o que implica em criar um ambiente de interação e compartilhamento de diferentes perspectivas. É de fato fazer proveito do que o espaço educacional pode oferecer enquanto uma reunião de pessoas com variadas perspectivas, habitantes de gerações distintas, marcadas em seus corpos e experiências em pluralidades de gênero, raça, classe, dentre outros marcadores sociais. É evidente que como em todo espaço de interação social, o conflito se faz presente e pode produzir múltiplos efeitos. Entretanto, a ênfase que gerou esses textos e autorias compreendeu a correspondência como essa possibilidade de comunhão, que mesmo parcial, apresenta-se potente.

Esse processo de articular ensino e escrita em ciências sociais está apoiado na reflexão e prática de colegas docentes que têm desvendado suas práticas e feito suas sociologias e antropologias desde suas atividades professoras. Dessa feita, obras como a de Soraya Fleischer (2023), Débora Diniz e Cristiano Bodart (2026) têm sido boas companheiras de experimentações e diálogo.

1. O caderno de artesanato intelectual

Nesse engajamento, as influências teóricas são muitas, como já adiantei. Estabelecemos diálogo com Pedro Demo (2006, 2010, 2011), Wright Mills (1972), Howard Becker (2015), bell hooks (2017, 2021) e Conceição Evaristo (2008, 2017). Com esse prisma teórico, elaborei um recurso de pesquisa, ensino e avaliação denominada de “caderno de artesanato intelectual”. E como já se pode imaginar, esses procedimentos devem a Wright Mills (1972) as elaborações de “artesanato intelectual” e “imaginação sociológica”, que funcionam para o amadurecimento da teorização social, a criticidade, a sensibilidade e o incentivo para se aprender a “ler” e “escrever” o mundo, aspectos tão fundamentais para o estabelecimento das ciências sociais.

Quando começamos a experimentar “o caderno de artesanato intelectual”, a preocupação estava ainda na dificuldade apresentada por discentes em elaborarem seus próprios pensamentos, mas fundamentados, conectados e contextualizados, inclusive criticamente, de forma escrita. O que fazia com que algumas pessoas recorressem a uma escrita insegura, e por vezes, plagiada. Mesmo com todas as complexidades que o plágio na academia apresenta (Diniz, 2024), e embora essa questão não tenha sido superada (e dificilmente o será), o recurso do artesanato intelectual possibilitou ampliar o espaço para que a comunidade discente arriscasse seus esboços, anotações e rascunhos. Uma questão que não está posta e refletida nesse livro, é o uso da inteligência artificial. Provisoriamente, adianto que incentivei o máximo possível o uso de técnicas artesanais de pesquisa, leitura, escrita e registro, para que somente depois, e com uma maior maturidade, fossem utilizadas as ferramentas de inteligência artificial, e isso apenas em casos extremamente necessários. Essa não é uma abordagem que foge do problema, mas que considera que o que está sendo esboçado em nosso ateliê são características e práticas muito mais fundamentais para o desenvolvimento dos sentidos de autoria e comunidade.

O uso do “caderno de artesanato intelectual” pela comunidade discente esteve atrelado ao letramento sensível e crítico necessário para se mobilizar a imaginação sociológica e a experiência antropológica. Esse uso partiu das disciplinas de sociologia e antropologia referentes a cada turma. Inserido no contexto de ensino, o uso do caderno enquanto recurso mobilizou a “alfabetização sociológica” (Bodart, 2026), a intensificando para estudantes que estudaram sociologia no ensino médio e a instaurando, para quem entrava em contato com as ciências sociais somente naquele momento. Como a alfabetização sociológica implica na apropriação crítica do arsenal histórico e múltiplo das ciências sociais, ela é base fundamental para o letramento sociológico (Bodart, 2026), isto é, a capacidade de exercer o pensamento crítico e autônomo a partir das ciências sociais.

De uma forma prática, o “caderno de artesanato intelectual” foi desenvolvido como uma abordagem de ensino com avaliação contínua. Solicitava para todas as pessoas matriculadas que separassem um caderno físico ou virtual, embora tenha enfatizado que seria melhor utilizar um físico, ressaltando a característica artesanal do nosso conhecimento e para que voltassem a praticar a escrita manuscrita, ou passassem a, de fato, escreverem com as mãos (algumas pessoas são bem jovens, recém-saídas do ensino médio). Essa perspectiva está fundamentada na noção de que a escrita manuscrita é uma

prática de atenção, que faz com que a pessoa escritora percorra, de fato, a escrita, a exercite e a experimente (Ingold, 2008).

Reforço que essa é uma orientação, cabendo liberdade discente para propor alternativas, além disso, o uso de ferramentas digitais sempre era uma possibilidade para quem apresentasse alguma especificidade, dificuldade motora ou outras necessidades especiais. Assim, a comunidade discente foi convidada a fazer registros e reflexões organizadas dentro de basicamente três eixos: a) anotações /diário de sala de aula, b) esboços e reflexões teóricas a partir da bibliografia da disciplina e/ou outras leituras c) exercícios de observação cotidiana. As anotações empreendidas em sala de aula foram elaboradas de várias formas, desde o tradicional registro do que era escrito pelo professor na lousa, trechos de discursos da aula que despertasse a atenção discente (tanto proferido pelo professor, quanto por algum(a) colega).

Incentivei que as anotações fossem livres, para que pensamentos mesmo que desconexos surgidos durante a aula, estivessem registrados, pois como o caderno é uma ferramenta contínua, esse pensamento poderia ser retomado em outro momento, transformado em outra situação, retificado ou mesmo naufragado. Nesses esboços, cabiam também desenhos, rabiscos, colagens e outras experimentações criativas.

A sugestão para a comunidade discente escrever sobre o seu cotidiano, com a inspiração no diário mais banal, ou até mesmo nos diários de campo antropológicos, veio da intenção de fazer com que esses três tipos de anotações permitissem que estudantes se apropriassem das ciências sociais, inserindo o saber científico sobre a realidade social, cultural e histórica em seus cotidianos. Nada muito diferente do que Wright Mills já denominava de “imaginação sociológica”, mas com o adensamento de outras referências e a vivacidade da correspondência entre docente e discentes.

Finalmente, para estudantes, se faltasse o assunto, conseguiriam escrever sobre questões familiares e/ou de trabalho. Refletir sobre a sua locomoção até a universidade, além de pensarem sobre a apreensão de artefatos culturais como leituras, conteúdo audiovisual e daí por diante. E aqui, a noção de artefato cultural está bem ampla, como nos demanda a antropologia, com a inclusão de vídeos assistidos em suas redes sociais digitais e suas linguagens de memes. Praticando o cultivo de seus “cadernos de artesanato intelectual”, estudantes passavam a experimentar um senso de autoria, ao se posicionarem diante tantas outras vozes e autorias no campo das ciências sociais, ao mesmo tempo que ao estarem

inseridos em um contexto de aprendizagem mútua, compreendiam que o escrever é uma prática autoral associativa (Becker, 2015). Nesse contexto, como não poderia deixar de ser, o caderno passou a ser um espaço de prática do “artesanato intelectual” aos moldes de Wright Mills (1972), sendo local de registro que possibilita o reconhecimento, por parte de cientistas sociais em formação, ou de outras profissões que se lançam com o que essas ciências podem possibilitar, de seus temas de interesse. Questões norteadoras, obsessões, de um lado, e um esboço de sínteses, resumos e registros de leituras por outro.

Partindo do “caderno de artesanato intelectual”, a escrita foi experimentada e materializada no desenvolvimento de textos de gênero parcialmente “híbridos”, tais como a crônica sociológica e antropológica e os ensaios etnográficos. Como já apresentei em reflexão anterior, propor uma boa relação entre literatura e ciências sociais possibilitou com que a comunidade discente se aproximasse de uma maneira mais encantada e engajada com o modo de pensar e fazer ciências sociais, considerando a crônica enquanto gênero focado na brevidade, lirismo e reflexão cotidiana, ao mesmo tempo em que o ensaio etnográfico carregou a conexão entre teoria e prática (Veras, 2024).

Além das crônicas, dos rabiscos, desenhos, rascunhos e dos ensaios, o caderno de artesanato intelectual também foi a base para a elaboração de “correspondências interculturais”, que foram cartas produzidas por estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena, e as “Reflexões escritas sobre a prática do caderno de artesanato intelectual”, elaboradas por estudantes da licenciatura em Ciências Sociais da UECE no contexto da disciplina de Filosofia da Educação.

Como mencionado, o caderno de artesanato intelectual auxilia na construção de um senso de autoria e um senso de comunidade. A elaboração desse senso de autoria tem forte relação com a perspectiva da escrevivência de Conceição Evaristo (2008, 2017), considerando que os exercícios com o caderno de artesanato intelectual são recursos de ensino e escrita em ciências sociais, pois buscam que cada pessoa discente-pesquisadora seja estimulada a produzir seus arquivos de pesquisa de uma maneira artesanal e autoral. A escrevivência instiga que a sensibilidade, junto com a localização da escrita social e culturalmente, seja complementada e realçada com a imaginação sociológica, com o seu esforço de estranhamento do banal, do socializado e do estabilizado. Dessa forma, a escrita discente de crônicas, ensaios, cartas e outras experimentações, está ancorada na valorização do “caderno de artesanato intelectual” enquanto mobilizador, receptáculo e até mesmo o artefato que possibilita a construção desses textos.

2. Conclusão

Em suma, o caderno de artesanato intelectual tem sido um caminho para experimentar o ensino e a escrita em ciências sociais. De uma perspectiva pedagógica mais burocrática, serviu, até o momento, como uma atividade avaliativa, e mais importante ainda, como um artefato para a elaboração do senso de autoria e de comunidade, de se começar a fazer antropologia, seja nos cursos de ciências sociais, seja em outras áreas profissionais.

A nível de ilustração, encerro com fotografias de algumas páginas desses cadernos discentes, reforçando que essas experimentações estão em curso e que atualmente estou fazendo uma curadoria com textos discentes construídos nos cursos para que ganhem corpo e forma de livro, um livro de ciências sociais.

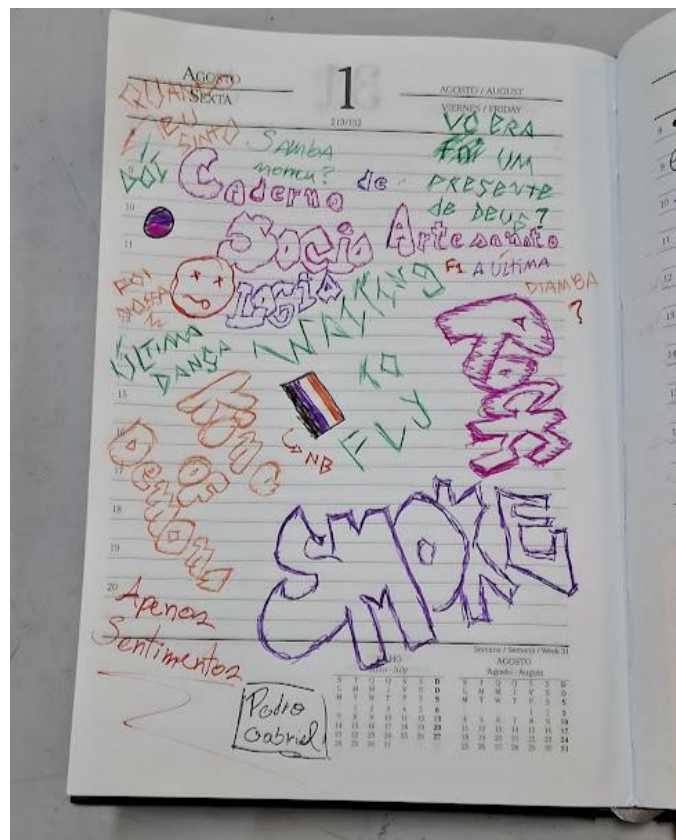


Figura 1 - Caderno discente (disciplina de Introdução à Sociologia)

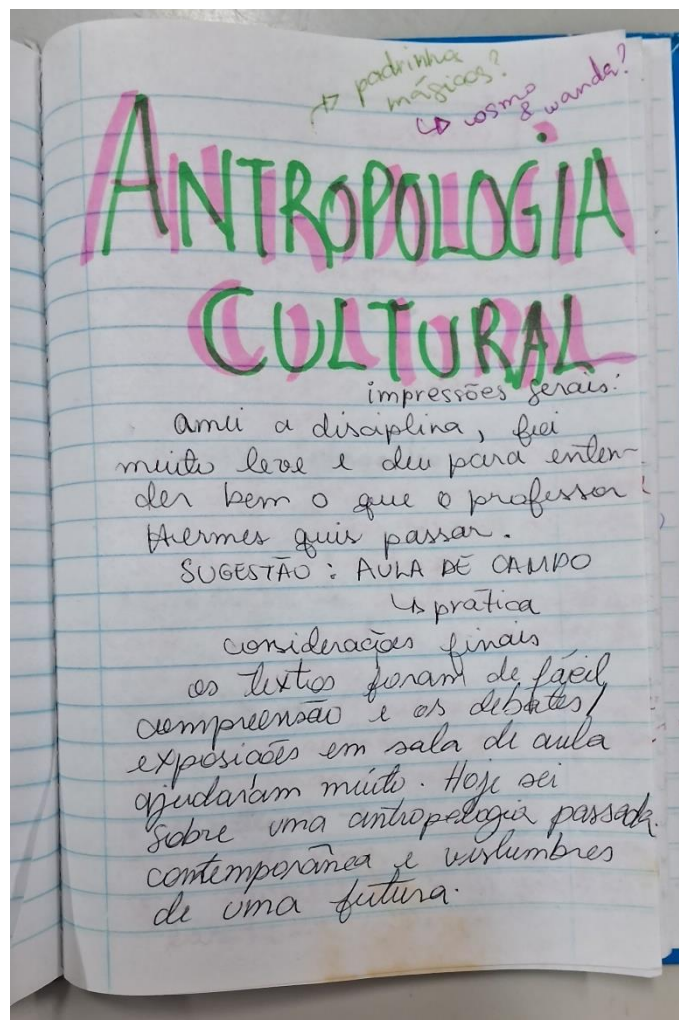


Figura 2 - Caderno discente (disciplina de Antropologia Cultural - Serviço Social)

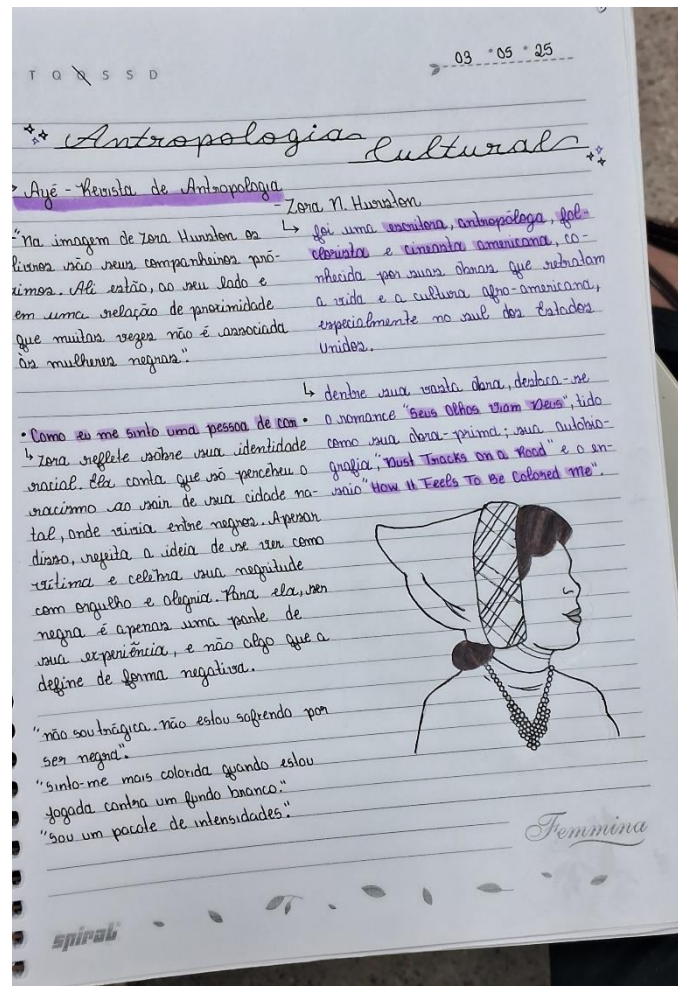


Figura 3 - Caderno discente (Disciplina de Antropologia Cultural - Serviço Social)

Referências bibliográficas

- BECKER, Howard. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BODART, Cristiano. Da alfabetização sociológica ao letramento sociológico: uma pedagogia do ensino de sociologia escolar. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2026.
- DEMO, Pedro. Leitores para Sempre. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 14a ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- DEMO, Pedro. Rupturas urgentes em educação. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 861-872, 2010.

DINIZ, Debora. Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

EVARISTO, Conceição. Da construção de Becos. In: EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências da Afro-Brasildade: história e memória. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.

FLEISCHER, Soraya. Na cozinha da antropologia. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes. 2ed, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

INGOLD, Tim. Antropologia e/ou como educação. Petrópolis: Vozes, 2020.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe, n. 3, 2008.

MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VERAS, Hermes de Sousa. A crônica como recurso para o ensino e a escrita em antropologia. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 34, 2024, Belo Horizonte. Anais 34ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: ABA Publicações, 2024. p. 1-10. Disponível em: https://www.abant.org.br/files/34rba_570_51844561_671223.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.